

VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORES: um estudo bibliográfico de como a pedagogia do amor é transformada em pedagogia da dor

Joana D'arc Soares Silva¹
Lucas Eustáquio de Paiva Silva¹

RESUMO: Este estudo aborda a violência dentro das escolas brasileiras, com ênfase nos casos de violência de discentes contra docentes, e o porquê esses têm aumentado consideravelmente ao longo dos anos. Nessa pesquisa serão abordadas as causas da violência, as estratégias de combate, a intervenção da gestão escolar e a postura do professor e das famílias frente às agressões. É, portanto, um estudo de cunho social, isto é, destinado a toda a sociedade, pois a escola é um ambiente comum a todos, e a figura do professor é essencial dentro do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, é uma pesquisa bibliográfica alicerçada por artigos referentes ao tema, e por esse motivo não serão apresentados dados numéricos da violência escolar. Como se sabe, os casos de violência ocorrem dentro do espaço escolar, no seu entorno, e são mais corriqueiros entre os alunos, mas existem casos de violência contra professores que causam profunda indignação pela banalidade dos agentes que levaram o aluno cometer a atitude tão extremada. Neste sentido, surge a questão que norteia este estudo: Como o professor pode evitar situações de conflito com seus alunos, sem que para isso precise retroagir em sua postura de autoridade na sala de aula? Sendo que, ao direcionarmos a delimitação do tema de pesquisa, a proposta está na investigação de como a prática pedagógica pode auxiliar no combate as violências sofridas por professores.

Palavras-chave: Violência. Escola. Professor. Sociedade.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a temática violência dentro das escolas brasileiras, dando ênfase aos casos de violência de discentes contra docentes, e do porque esses estarem aumentado consideravelmente ao longo dos anos, nesse contexto busca analisar os desafios decorrentes da prática pedagógica do professor na solução de conflitos e situações de violência que estes sofrem em sala de aula.

Pois, ao dissertarmos sobre a “saúde” da Educação Brasileira, não podemos ser obtusos aos casos de violência contra professores que tem crescido alarmantemente, as causas vão desde famílias desestruturadas, até a desvalorização do trabalho docente pelo governo. Se para a nova geração a figura do professor é a própria imagem do obsoleto, devido a forma pelo qual conduz as suas aulas, e pela forma como a escola determina o ensino que deve ser ofertado, também o professor encontra dificuldades em aliar as tecnologias a sua prática pedagógica, devido ao sucateamento e a falta de investimentos

¹ Aluna de Pós-graduação de Coordenação Pedagógica pela Faculdade Famart. E-mail: joana-dss@hotmail.com

² Professor orientador do estudo e do artigo. Professor dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade Famart – Itaúna-MG. Graduado em História. Mestre e doutor em Educação.

do governo em sua formação, a falta de diálogo é imperiosa quando falamos da necessidade de aparar arestas que faticamente resultam em episódios de agressões físicas, verbais e morais contra professores.

É, portanto, um estudo de cunho social, isto é, destinado a toda a sociedade, pois, a escola é um ambiente comum a todos, e a figura do professor é essencial dentro do processo de ensino e aprendizagem, no entanto, esta é uma pesquisa bibliográfica alicerçada por artigos referentes ao tema, e por esse motivo não serão apresentados dados numéricos da violência escolar.

Como sabemos, os casos de violência ocorrem dentro do espaço escolar, no seu entorno, e são mais corriqueiros entre os alunos, mas existem casos de violência contra professores que causam profunda indignação pela banalidade, dos agentes que levaram o aluno cometer, atitude tão extremada. Neste sentido, surge a questão que norteia este estudo: Como o professor pode evitar situações de conflito com seus alunos, sem que para isso precise retroagir em sua postura de autoridade na sala de aula? Sendo que, ao direcionarmos a delimitação do tema de pesquisa, a proposta está na investigação de como a prática pedagógica pode auxiliar no combate as violências sofridas por professores.

Paulo Freire (1987), em sua pedagogia do oprimido, retrata situações muito atuais, ao falar em opressor e oprimido, o que não pode, no entanto, é o professor aceitar ocupar o lugar de oprimido que a sociedade o impõe, nas palavras de FREIRE (1987, p.26) “os oprimidos, como objetos, como quase “coisas” não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores”.

Isto é, a autonomia do professor em sala de aula é inexistente, o processo de ensino e aprendizagem, como mercado de aprovação, está mais preocupado em atingir os índices impostos pelo governo, como parâmetro de qualidade do ensino no país, muitos pais julgam ser incompetência do professor o fato dos filhos não aprenderem, ou, serem reprovados.

Ao que Santos (2017), sinaliza como forma de resgatar a civilidade do jovem, a ação conjunta entre escola e família, em suas palavras:

A educação escolar vai além do papel social de possibilitar a vivência democrática, o desenvolvimento de habilidades cognitivas ou o contato com as culturas e artes. A escola zela pela integração social e pela criação de oportunidades para que o aluno aprenda a conviver em sociedade, de modo que entenda que fazer parte de uma sociedade [...].

[...] ações conjuntas entre escola, pais e sociedade tendo em vista delegar as responsabilidades e saber como transformar estas situações de violência (SANTOS, 2017, p. 12 e 13).

Estas situações são extremamente desesperadoras, a cultura do medo é cada vez mais disseminada no meio docente, fazendo com que tenhamos o aumento de casos de estresse, fadiga e transtornos psicológicos, como a síndrome do pânico, impossibilitando que os professores exerçam sua profissão, prejudicando assim seus alunos.

As enfermidades dos professores, são igualmente desmerecidas, vistas pela sociedade como forma de fuga, de abster-se da atividade laboral sem perder a remuneração. Alguns alunos, se utilizam da fragilidade do professor para importuná-lo e ameaçá-lo, até quando a sociedade deixará a Educação abandonada a própria sorte, como se os professores fossem os únicos responsáveis pelo caos que se instaura todos os dias nas escolas, é assustador perceber a naturalidade com que os jovens reagem as agressões contra seus professores, sinal evidente da falta de respeito pessoa humana, fazendo com que o professor viva a pedagogia da dor, na qual a simples lembrança de que ele terá de retornar à sala de aula na presença de seus alunos já o faz estremecer.

O professor sozinho não pode modificar o aluno, suas ferramentas de combate à violência são livros, giz e conhecimentos, e aos quais os alunos só permite que ele use, se não forem obrigados a viver em ambientes degradantes, nos quais a violência é cotidiana e diária, se é pelo exemplo que se transformam vidas, que a sociedade toda adote atitudes de repúdio à violência, com ações de efetivo combate à violência.

Freire (1987) aborda a prática do diálogo como um meio de diminuir as situações de opressão, visto que, ora se é opressor, ora se é oprimido, em suas palavras determina, “[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro [...]” (FREIRE, 1987, p.45). Em suma, ao adotar uma conduta dialética, o professor abre substancialmente a oportunidade de o aluno verbalizar seus descontentamentos com o processo de ensino, e a partir destes, pode modificar sua prática pedagógica para atender as expectativas desse aluno, contudo, sem se distanciar de seu objetivo principal que é ensinar.

Ainda como colabora Silva (2004, p. 13), “[...] subentende-se que os professores, ao discutirem a problemática da violência com seus alunos numa perspectiva dialética, devem unir esforços para que os mesmos repensem o porquê dos seus atos [...] no sentido de procurar assegurar a construção de conhecimentos significativos pelo aluno [...]”, ou seja, muito embora, a violência dentro e fora da escola seja recorrente em nosso cotidiano,

não existem estudos específicos que elaborem soluções efetivas de combate, para que, o professor evite situações que possam desencadear atitudes violentas por parte dos alunos.

Quanto aos procedimentos que possibilitaram a elaboração deste estudo, podemos descrevê-lo como uma pesquisa bibliográfica, pois, partiu do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites; sendo que sua abordagem segue uma linha qualitativa na qual despreza dados numéricos onde o resultado esperado é fazer com que a sociedade tome conhecimento de que a violência deve ser banida das nossas escolas.

Tendo como objetivo principal a investigação dos desafios decorrentes da prática pedagógica do professor na solução de conflitos e situações de violência que estes sofrem em sala de aula, bem como, estabelecer uma postura dialética entre escola e família para que os jovens não se envolvam em situações de vulnerabilidade que desencadeiem condutas agressivas em sua personalidade, utilizando ações metodológicas de aprendizagem com o intuito de envolver o aluno no processo de ensino e aprendizagem, motivando-o a se integrar ao processo, afim de, resolver os conflitos antes que esses se tornem agressões físicas, verbais e morais.

2 DESENVOLVIMENTO

É crescente os episódios de violência em sala de aula, ao que podemos concluir, ser reflexo daquilo que esses alunos vivenciam na família e na sociedade a principal causa dessa rebelião em massa contra os profissionais da educação. Conforme Marriel et al. (2006, p. 36):

É reconhecido e noticiado pela mídia que a escola, de modo concomitante e paradoxal, além de se instituir como instância de aprendizagem de conhecimento e de valores, bem como de exercício da ética e da razão, tem-se configurado como um espaço de proliferação de violências, incluindo, brigas, invasões, depredações e até mortes. É um espaço em que os alunos, em plena fase de desenvolvimento, se deparam com, constroem e elaboram experiências de violência.

O trecho acima citado comprova que, a violência de alunos contra seus professores, não é exclusiva na escola pública e da periferia, pois, está tão generalizada, que mesmo os alunos com padrão de vida avantajado, acabam por confundir o papel do professor e subjuga-lo a cumprir suas vontades, pelo fato dos pais pagarem a mensalidade das escolas,

reforçando que essa cultura de menosprezo pela categoria docente é comum dentro da sociedade e das famílias.

Ao que SANTOS (2017, p.20), alerta, “a escola de hoje bem como os seus professores e funcionários não estão adequadamente preparados para lidar com o aluno contemporâneo, nem com as situações de conflitos encontradas no espaço escolar”. Quer dizer professores e alunos são de gerações totalmente diferentes, com outras culturas e outro tipo de criação, esse conflito gera grande parte dos embates entre eles, pois é característico que o professor cobre o aluno quanto ao cumprimento de suas obrigações escolares.

Nesse sentido:

Na escola, a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e à ordem estabelecida. A falta de limites, associada à desconsideração pelos outros, contribui para que os jovens e adolescentes busquem se impor pela força e pela agressão (SILVA, 2018, p.14).

Logo, a desvalorização e a degradação da profissão docente são evidentes ao longo de nossa história, a sociedade supervaloriza o aluno, e este se sente empoderado frente ao professor, como se o docente fosse seu empregado e devesse a ele obediência e satisfação de suas vontades.

A esse respeito, Soares (2014, p. 347) escreve que:

[...] a falta de medidas punitivas concorre para propagação da violência, tanto no ambiente escolar como também na sociedade como um todo. [...] o sentimento de impunidade pode gerar manifestações mais graves de violência para com o professor.

Se tomarmos como referência as situações de violência contra os professores nos anos 80, estas eram consideravelmente menores do que atualmente, e a elevação nos casos de agressão de alunos contra seus professores se relaciona com a falsa sensação de impunidade que esses menores têm.

O fato é que tanto a família como sociedade aderiram ao papel de refém de suas crianças e jovens deixando de educar seus filhos, os pais têm cada vez menos tempo de ficarem com os filhos, e como compensação pela falta de tempo, julgam correto não disciplinar o filho para que ele não o odeie.

Diante deste cenário desesperador de falta de estrutura familiar, onde o papel de responsável pela criança é inexistente, e a maioria pensa que cabe ao professor EDUCAR a criança e o jovem, o que é viável ao docente fazer para que a sua pedagogia do amor não se torne a pedagogia da dor?

Para que a Pedagogia do amor prevaleça, a prática docente deve sempre se assegurar dentro da parceria família-escola, com ações de mobilização ao combate da violência escolar, à docência é mais que vocação, é missão, é ato de amor que busca preparar o indivíduo, por meio, do afeto, neste sentido, Matos e Viana (2012, p.5) sinalizam que, “a falta de motivação causada pela violência escolar, impede que os professores realizem seus trabalhos de maneira satisfatória, gerando prejuízos para alunos, escola e para o país”, ou seja, a pedagogia do amor se transforma em pedagogia da dor, quando o professor se sente desmotivado em continuar na vida docente, devido à falta de proteção por parte da sociedade como um todo.

Na visão de Abramovay (2002, p. 9):

[...] é indispensável que o planejamento das ações preventivas e de intervenção seja elaborado de forma amplamente participativa, sendo essencial para o sucesso das ações a construção de um “senso de pertencimento à comunidade” como um dos principais fatores para a “construção de uma cultura de paz”.

Quer dizer, é fundamental que as políticas públicas garantam o acesso à educação, a todos e que esta seja de qualidade, que o governo invista recursos para a melhoria das estruturas físicas e equipamentos das escolas, bem como destine incentivos para a capacitação e qualificação da equipe gestora e docente.

Para Silva (2018, p. 11 apud WELCHEN e OLIVEIRA, 2013, p. 5):

A escola, entendida como um local que possibilita uma vivência social diferente do grupo familiar, deve oferecer a oportunidade de o aluno ter acesso a informações e experiências novas e desafiadoras, capazes de provocar transformações e de desencadear processos de desenvolvimento e comportamento.

Referindo-se diretamente a questão da violência em sala de aula, na relação professor e aluno, compete a gestão escolar estreitar os laços de relação entre escola-família-comunidade escolar, para que, se solucione os conflitos e as situações de violência sofridas pelos professores durante a prática pedagógica.

Segundo Severo e Franco (2011, p. 594):

[...] o professor tem um papel de vital importância, porque é na escola que a formação do sujeito se efetiva e mesmo que a educação esteja determinada por esta sociedade, ela possui uma responsabilidade crucial no processo de edificação e transformação desta sociedade.

O espaço escolar é definido como o ambiente destinado ao processo de ensino e aprendizagem, bem como, da construção do conhecimento, por meio, de uma postura dialética e crítica, na qual os alunos são instigados a elaboração das próprias ideias, afim

de formá-los quanto cidadãos. Ser professor no Brasil, é estar em constante processo de modificação, as mudanças decorrentes da sociedade, fatores que geram desafios e demandas que implicam muitas vezes na incidência da indisciplina e violência dentro do espaço escolar.

Matos e Viana (2012, p. 4) descrevem que:

A violência contemporânea apesar de estar associado quase que exclusivamente a práticas materiais, criminosas e delitos, ela está presente em nosso cotidiano, manifestando nas nossas mentes e no sentimento de insegurança. [...] provocados por medos próximos ou ameaças invisíveis podem encaixar-se como formas de violência na sociedade globalizada.

A exposição demasiada das crianças e dos jovens aos aparatos tecnológicos reflete diretamente na sua postura dentro da sala de aula, como pondera Santos, “a educação é um processo contínuo cuja função é possibilitar que os indivíduos alcancem e desenvolva as suas potencialidades ao longo da vida [...] (SANTOS, 2017, p. 2)”, neste sentido, o trabalho pedagógico está voltado a orientação do aluno, para que, ele consiga perceber quando o que ele está acessando pode influenciá-lo negativamente.

Assim,

A relação estabelecida entre violência e os eventos sociais é trazida à tona através dos reflexos da classe social a que pertencem os alunos, das comunidades em que estão inseridos, da família da qual fazem parte e das mídias a que tem acesso (SOARES, 2014, p.342).

Atualmente, devido às salas de aula superlotadas, fica um pouco difícil para o professor sozinho perceber quando um aluno está em situação de vulnerabilidade psicológica, e que pode vir a desenvolver um comportamento agressivo, nas palavras de Williams e Pereira (2008,p.33) “as habilidades sociais dos alunos só são colocadas em prática se a escola se constitui como um local que favorece tais habilidades”, isto é, deve o espaço escolar e seus agentes proporcionarem ao aluno um lugar em que ele se sinta parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, para que se desenvolva integralmente.

Nas comunidades de periferia, onde a violência é uma constante, a intensificação desse trabalho pode se dar na ação conjunta entre escola e organizações não governamentais, que lutam para resgatar as crianças e os jovens do mundo do crime.

Na percepção de Santos (2017, p. 7-8):

Os alunos [...] são agentes geradores de violência quando há falta de perspectivas, descrença nas instituições, desinteresse pela escola, falta de identificação com os professores e com a escola, [...] os adolescentes [...]

processos de reproduções de ações, ou seja, imitações das ações e comportamentos [...].

Todavia, atitudes e comportamentos violentos atuados pelos jovens, nada mais é que um sintoma da necessidade de se obter o respeito dentro e fora da convivência escolar.

A ideia trazida por Santos provoca a reflexão quanto à importância do professor desenvolver um trabalho de construção e valorização da identidade do aluno, pois, como completa Silva, “a violência disseminada na sociedade também é um problema presente no dia a dia escolar (SILVA, 2018, p. 1)”, logo, os episódios de violência, são uma maneira do aluno exteriorizar o seu sofrimento, é um trabalho difícil, e que por vezes coloca a figura do professor em risco, mas que se não for feito dentro do espaço escolar, tão pouco, será desenvolvido pela família ou pela sociedade, a marginalização de crianças e jovens em nosso país faz com que, cada vez, mais cresça a evasão escolar.

Ainda na contribuição de Santos (2017, p.8), “a desigualdade social é outro fator preponderante no desencadeamento da violência escolar”, muito embora esses fatores de desigualdade não possam ser utilizados como justificativa para a prática da violência e agressividade contra professores, é relevante destacar que as situações de vulnerabilidade podem sim deixar a criança e o jovem mais suscetíveis as práticas delituosas e incidir com indisciplina dentro do espaço escolar, contudo, como dito anteriormente algumas vezes a intenção não é ferir o professor, segundo Soares (2014, p.342 apud FRELLER, 2000), “[...] os alunos agressivos na escola podem ser crianças e adolescentes que depositam suas esperanças na instituição escolar [...]”, como um pedido de socorro para aquilo que esse aluno vivencia fora do espaço escolar, ou, ainda porque o professor seria a personificação daquilo que traz desagrado ao aluno.

A relação entre violência e escola pública se deve porque os episódios de agressão contra o professor são mais divulgados, contudo, nas escolas da rede privada existem condutas de agressividade contra os professores, que são mantidas sob sigilo para que essas instituições não sejam desprestigiadas dentro da sociedade e conseqüentemente percam clientela.

Soares (2014, p. 343) traz em sua redação uma importante contribuição a respeito disso:

[...] a violência simbólica para os docentes da rede particular vincula-se às relações de assédio moral tanto por parte dos alunos, pertencentes a uma classe econômica privilegiada [...] assume-se, uma semelhança entre o processo de reprodução da cultura dominante sobre as camadas populares na escola e o

vivido pelos professores, como intelectuais que estão vendendo sua força de trabalho a particulares (donos de capital).

Isso leva à reflexão de que a violência escolar não é exclusividade da escola pública, tampouco dos alunos de periferia, lógico que enquanto os alunos mais pobres partem para a agressão física, os alunos da classe média e alta optam pela humilhação verbal, por saberem que os professores dependem da permanência deles dentro da escola para serem remunerados, todavia, o assédio moral e a pressão psicológica dirigida a esses docentes podem ser ainda mais nocivas que as agressões físicas, até porque são veladas.

Como reforça Silva, “[...] a escola não irá formar o homem somente para o trabalho, mas sim o homem capaz de transformar seu mundo através do trabalho (SILVA, 2004, p.12)”, recuperar a pedagogia do amor perpassa pela necessidade de que as políticas públicas, bem como as leis da educação considerem o professor como parte fundamental do processo de ensino e aprendizagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, a violência nas escolas, especialmente contra a figura do professor, está atrelada a fatores de ordem comportamental, psicológica e afetiva, além dos fatores externos, que independem da situação econômica de seus agentes, pois os casos de agressão e indisciplina sofridos pelos docentes brasileiros ocorrem tanto na escola pública como na escola privada, e são um reflexo da sociedade em que esse aluno está inserido, na qual as situações de violência fazem parte direta ou indiretamente do cotidiano dele, e que influencia negativamente no desenvolvimento da conduta moral e ética.

Visualizar a violência que ocorre e decorre do espaço escolar é a oportunidade de reconhecer que a metodologia de ensino utilizada se tornou obsoleta, buscando novas soluções, usando a criatividade, e principalmente revendo os modelos pedagógicos, para que esses sejam eficientes no combate a violência, para que ela não ocorra ou não tenha casos de reincidência.

Assim sendo, para que se atinja os objetivos elencados por este estudo, e para que a profissão de Professor no Brasil volte a ter prestígio, deve existir um diálogo entre os profissionais de educação das rede pública e privada, para que em conjunto sejam

encontradas as soluções pertinentes para que o espaço escolar seja apenas um ambiente de ensino e aprendizagem, e esse é o principal desafio docente para inibir a prática de violência dentro da sala de aula, fazer com que a educação seja transformadora além de formadora.

Os estudos sobre a violência contra professores apontam a importância de buscar dentro da própria educação as alternativas cabíveis para modificar a postura de violência adotada pelos alunos, este é ainda, um tema complexo, e envolve muitos fatores internos e externos, que precisam ser abordado e discutido pela sociedade, pois, se é dever da escola resolver os casos de violência dentro da própria escola, não deve, no entanto, que fique somente dentro do espaço escolar, pois, mascarar um assunto não é solucioná-lo.

A carência do debate com os próprios alunos é provavelmente, um dos eixos que devem ser explorados dentro do trabalho pedagógico, pois, o diálogo é a melhor estratégia, e é a pessoa do professor que necessariamente precisa reconhecer como o aluno se comporta, a fim de que antevêja as situações de violência, de modo preventivo.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Prefácio. IN ORTEGA, Rosario et al. **Estratégias Educativas para a Prevenção da Violência**. Brasília: Unesco 2002 – Edição brasileira. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128721por.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro/ RJ, Paz e Terra, 1987. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

FRELLER, Cintia Copit. **Trabalhando com pais sobre indisciplina escolar: um desafio para o psicólogo**. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 23. Caxambu, 2000, Anais... Caxambu, MG: ANPEd, 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/2001t.PDF>>. Acesso em: 15 out. 2022.

MARRIEL, Lucimar Câmara; ASSIS, Simone G.; AVANCI, Joviana Q.; OLIVEIRA, Raquel V. C. **VIOLÊNCIA ESCOLAR E AUTO-ESTIMA DE ADOLESCENTES**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 127, p. 35-50, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/cp/v36n127/a0336127.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2022.

MATOS, Francisco A. da Silva; VIANA, Samanda S. Alves. **A VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORES: Saberes e práticas.** Trabalho apresentado ao Fórum Internacional de Pedagogia. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012, p.1-15. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/766ebcd59621e305170616ba3d3dac32.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2022.

SANTOS, Helen dos. **A VIOLÊNCIA PRESENTE NAS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E PROFESSORES NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO.** Artigo apresentado a UNISUL, 2017. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Helen.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, Leonardo Vila da. **A VIOLÊNCIA NA ESCOLA E AS POSSÍVEIS FORMAS DE PREVENÇÃO.** Artigo extraído do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Disponível em: <http://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/leonardo_silva.pdf>. Acesso em: 20 out. 2022.

SILVA, Maria José Domingues da. **O PAPEL DO PROFESSOR FRENTE A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA MEDIAÇÃO NECESSÁRIA.** Artigo publicado na revista eletrônica RECE Revista Eletrônica de Ciências da Educação, v. 3 n. 1. 2004. Disponível em: <<http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/531/414>>. Acesso em: 10 out. 2022.

SEVERO, Susana da Silva Gonçalves; FRANCO, Adriana de Fátima. **O PROFESSOR FRENTE AOS DESAFIOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR.** Trabalho apresentado no Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. p. 582-596. 2011. Curitiba/PR. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4267_2393.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

SOARES, Michelle Beltrão. **Violência contra o professor nas representações sociais de docentes. Revista Perspectiva.** v. 32, n.1, p. 333-354. Florianópolis/SC 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/2175-795X.2014v32n1p333/pdf_30>. Acesso em: 15 out. 2022.

WELCHEN, Dirce; OLIVEIRA, Marineiva Moro Campos de. **A Formação de Valores no Ambiente Escolar.** Unoesc & Ciência – ACHS, Joaçaba, v. 4, n. 1, p. 19-30, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/viewFile/2683/pdf>>. Acesso em: 15 out. 2022.

WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; PEREIRA, Ana Carina Stelko. **A Associação entre Violência Doméstica e Violência Escolar: uma análise preliminar.** Disponível em: <<http://www.laprev.ufscar.br/documentos/arquivos/artigos/2008-williams-e-stelko-pereira.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2022.